

DECADENCE AVEC ELEGANCE

Muitos anos atrás, quando estávamos na luta pela preservação do Hotel Francano, me irritava a posição de um jornal da cidade que sempre escrevia “para quê serve esse velho pardieiro no centro da cidade”? É verdade que o prédio estava abandonado e se deteriorava a olhos vistos, mas era possível salvá-lo, restaurando para voltar a ter um uso socialmente aceitável.

Foi essa percepção, sobre o papel do que envelhece numa sociedade de consumo que me toquei o quanto era furada aquela história de “velho pardieiro” que nada mais era que uma tentativa de justificar o injustificável, derrubar um prédio bem construído para erguer outro apenas por ser “moderno”, como se nessa decisão não estivesse embutida uma visão de mundo que volta as costas para a arte, a história, a memória das gerações passadas, a vida e a sustentabilidade planetária.

Essa percepção voltou com força após uma viagem, quando retornei a um hotel de praia anos após a última estada. A decadência física do edifício foi se tornando evidente: vigas sem revestimento com a ferragem enferrujada começando a aparecer, o piso já sem o brilho de outrora, os materiais hidráulicos envelhecidos, a porta que não fechava direito, tudo agravado pela maresia da cidade e pelo baque econômico provocado pela pandemia. Lembrei que, muitos anos atrás, vivi experiência semelhante.

Em 1958, meu pai nos levou a Belo Horizonte, uma viagem mítica sempre lembrada em prosa e verso nos encontros familiares. Ficamos no Hotel Gontijo no centro da cidade, foi a primeira vez que nos hospedamos todos juntos num hotel, um espanto o restaurante com seu serviço de chá em cerâmica esmaltada, os elevadores nunca vistos antes. Quinze anos depois, voltei com meu irmão a BH e resolvemos ficar no mesmo hotel sem saber que o hotel estava em decadência. A região onde estava se deteriorara, o prédio não teve manutenção, um desastre que poderia até se tornar canção do reza Lobão. Na época, ainda era estudante e comecei a ver a necessidade de manutenção das edificações como algo importante para a arquitetura, corroborado depois pela vivência em Passos. A universidade nos alojava em um hotel que, ao longo do tempo, foi se deteriorando fisicamente como nós, os professores. Envelhecemos juntos.

Mas, se nós olhamos para a casca que transparece no espelho diariamente e de repente nos vemos velhinhos, o que dizer de um prédio? Se o hedonismo da atual sociedade pode ser identificado nas caras plastificadas de algumas e alguns, o dos prédios pode ser vistos nos retrofits e reformas que destroem as características originais de obras de alta qualidade e requinte estético transformadas em reles construções sem alma, revestidas por cartazes e placas de publicidade, a esconder para sempre como a cidade foi e nunca voltará a ser, como as próprias madames plastificadas mostram em seus sorrisos duros e nas mãos cheias de manchas senis, essas sim, inexoráveis.

Mauro Ferreira é arquiteto

